

PRÁTICAS DA HISTÓRIA

JOURNAL ON THEORY, HISTORIOGRAPHY,
AND USES OF THE PAST

N.º 11 - 2020



Recensão a *The Postcolonial Orient. The Politics of Difference and the Project of Provincialising Europe*, de Vasant Kaiwar

Sara Araújo

Práticas da História, n.º 11 (2020): 287-296

www.praticasdahistoria.pt

Vasant Kaiwar

*The Postcolonial Orient. The Politics
of Difference and the Project of
Provincialising Europe*

Leiden e Boston: Brill, 2014, 435 pp.

Sara Araújo*

Publicada em 2014, a obra *The Postcolonial Orient. The Politics of Difference and the Project of Provincialising Europe* constitui uma estimulante leitura marxista da variante pós-colonial dos estudos subalternos desenvolvida como projeto a partir das universidades metropolitanas. Vasant Kaiwar move-se entre múltiplos campos disciplinares (desde a filosofia, à economia política, à história, à sociologia, aos estudos culturais), apontando limites às abordagens pós-coloniais que resultam daquilo que designa como o improvável encontro entre o anti-colonialismo do Terceiro Mundo e os estudos culturais americanos, sob o guarda-chuva protetor do existencialismo fenomenológico alemão, re-trabalhado pelo pós-estruturalismo francês, que tem lugar em campus universitários higienizados¹.

A argumentação de Kaiwar é combativa e o discurso é mordaz. Não surpreende, pois, o assumido gosto pela controvérsia, que lemos já no último capítulo, quando argumenta que fazer uma crítica estrutural sem entrar em polémicas é uma espécie de sintoma de retirada pós-sec-

* Sara Araújo (sara@ces.uc.pt), Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087, 3000-995 Coimbra) e Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (Av. Dr. Dias da Silva, 165, 3004-512 Coimbra).

¹ Vasant Kaiwar, *The Postcolonial Orient. The Politics of Difference and the Project of Provincialising Europe* (Leiden, Boston: Brill, 2014), 27.

tarismo dos que, em algum momento, se envolveram no sectarismo com demasiada liberdade e promiscuidade². Sob escrutínio, lúcido e detalhado, estão as condições históricas e as implicações teóricas e políticas dos desvios conceptuais da economia política para a cultura; do capitalismo para a modernidade (com a romantização do hibridismo, das alternativas, da autenticidade); da classe para a civilização; das lutas sociais dos/as trabalhadores/as pela terra e por salários para as dos intelectuais pela cultura; de Marx e Gramsci para Nietzsche, Heidegger, Foucault e Derrida³. A erosão da classe enquanto categoria central na viragem pós-colonial resulta, na interpretação do autor, da submissão dos estudos subalternos à “agenda de uma elite académica hiper-letrada em busca de um lugar respeitável no banquete do multiculturalismo”⁴.

No centro da argumentação, encontra-se o conceito de “orientalismo pós-colonial”, que aponta para lógicas de auto-exotização dos estudos pós-coloniais. De acordo com Kaiwar, na crítica cega ao historicismo, os estudos pós-coloniais perdem de vista o capital enquanto elemento estrutural e fetichizam a linha divisória que coloca a Europa de um lado e as modernidades híbridas e alternativas do outro, reproduzindo as dicotomias do orientalismo europeu, como Oriente-Occidente, Europa-Outro⁵. Do lugar onde escreve Kaiwar, as contradições de classe e a classe como categoria analítica central parecem ter sofrido uma tomada hostil pela ideia de consciência civilizacional⁶. A simples crítica ao eurocentrismo e ao pretenso universalismo da missão civilizadora inspirada no Iluminismo é, para o autor, limitada, visto não explicar como, em contraste outras formas de etnocentrismo, conseguiu definir o rumo da história moderna e global⁷.

A romantização da diferença é, na leitura de Kaiwar, não só fútil, como perigosa. Na reflexão sobre escravidão e trabalho forçado, migra-

2 Kaiwar, *The Postcolonial Orient*, 326.

3 Kaiwar, *The Postcolonial Orient*, xiii.

4 Kaiwar, *The Postcolonial Orient*, 99.

5 Kaiwar, *The Postcolonial Orient*, 317.

6 Kaiwar, *The Postcolonial Orient*, 95.

7 Kaiwar, *The Postcolonial Orient*, 172.

ção e exílio, violência e resistência ou alianças políticas estratégicas no contexto de impérios e estados-nação, o debate principal não é, do seu ponto de vista, entre homogeneidade e heterogeneidade, mas sobre a economia política do capital, seja na configuração que assumiu na promoção do colonialismo, seja na forma contemporânea que sustenta a globalização neoliberal⁸. Kaiwar não é, de forma alguma, hostil à descolonização, mas defende a necessidade de resistir à sedução da diferença, do hibridismo e da multiplicidade e de apostar no desenvolvimento de solidariedade e reciprocidade, sob pena do capitalismo se transformar no horizonte insuperável da existência social humana.

Aos estudos pós-coloniais não falta apenas “totalizar”, sendo imperativo historicizar⁹. A história intelectual não é prerrogativa exclusiva dos intelectuais metropolitanos e Kaiwar defende a necessidade de situar o *postcolonial turn* na narrativa historicista. O autor discute o lugar de enunciação dos estudos pós-coloniais, rejeitando uma leitura romantizada e essencialista no que toca à construção das identidades com base na nacionalidade dos intelectuais, bem como a ilusão de uma imunidade teórica aos impactos daquilo que Chakrabarty designa por História 1. São, pois, tidas em consideração condições relacionadas com a origem etnolinguística e de classe dos intelectuais, bem como as condições históricas em que os estudos pós-coloniais se desenvolvem: 1) o início dos estudos subalternos remonta a um grupo de intelectuais de classe média Bengali, o primeiro grupo asiático cujo universo mental foi transformado pela interação com o Ocidente¹⁰; 2) a viragem pós-colonial é desenvolvida na academia norte-americana por acadêmicos na diáspora, num contexto em que a pós-colonialidade só pode ser desenvolvida em estreita ligação com a questão da imigração; 3) a expansão do sistema universitário norte-americano nos anos 1980 foi acompanhada pela promoção de currículos mais utilitários, pelo ênfase na análise quantitativa em disciplinas como a ciência política, a sociologia e a economia, e pelo desdém no que toca à investigação sobre as causas reais

8 Kaiwar, *The Postcolonial Orient*, 29.

9 Kaiwar, *The Postcolonial Orient*, 18.

10 Kaiwar, *The Postcolonial Orient*, 8.

das crises económicas e sociais; 4) com o colapso da União Soviética, o desaparecimento da oposição fez-se acompanhar pela emergência de respostas pós-fundacionalistas, onde cabem os estudos pós-coloniais.

A discussão de Kaiwar sobre o conceito de colonialismo, familiar aos leitores marxistas, é essencial para compreender a reflexão. O autor questiona se a definição de colonização pode ser sustentada na ocupação estrangeira, isto é, na origem externa dos ocupantes à unidade política que invadem e posteriormente administram e dá, como se esperava, uma resposta cabalmente negativa. Fosse essa a definição de colonialismo, argumenta, a Índia teria sido colonizada muito antes da invasão britânica. A tendência para entender o colonialismo como ocupação estrangeira é vaga e pouco útil, seja do ponto vista teórico ou político. Para o autor, o ponto de partida para pensar o colonialismo é o desenvolvimento do capitalismo.

A Europa não carrega uma predisposição natural para a modernidade, nem qualquer desejo demiúrgico para a impor aos outros¹¹. A transição do feudalismo para o capitalismo não foi orgânica ou pacífica, implicando o bloqueio de fontes de subsistência diretas, como a terra e outros recursos naturais, por parte de uma classe que conseguiu privatizar e concentrar propriedades, desenvolvendo formas de produção de larga escala, com recurso a tecnologias que aumentaram a produtividade. O colonialismo seguiu uma lógica semelhante, expropriando os produtores imediatos dos recursos, agora por via da conquista, da ocupação e da força bruta. Dois aspetos são aqui essenciais: o quantitativo (a acumulação primitiva, na linguagem marxista) e o qualitativo (a transformação dos recursos em capital, ou seja, numa forma social específica sustentada na competição sistemática entre os capitalistas por matérias-primas e participações de mercado). Assim, a brutalidade do colonialismo foi uma expressão direta dos horrores do capitalismo, que perde qualquer forma de respeitabilidade ao sair de casa. As ligações em que assentam as atividades económicas das colónias são interrompidas e, nesse sentido, desconectadas, permanecendo numa ligação

11 Kaiwar, *The Postcolonial Orient*, 111.

de dependência com as atividades económicas do país colonizador. O colonialismo implica assim um tipo específico de geografia económica e não apenas uma ocupação externa¹². São estas as condições estruturais que não se alteram com o fim do colonialismo e que assumem continuidade a par de outras, como trauma cultural, dominação racial, heterogeneidade no interior dos territórios¹³. Não se entenda desta leitura que Kaiwar não atribui importância ao colonialismo enquanto dimensão analítica: o colonialismo deve ser visto como um momento histórico de rutura. No entanto, o que promove essa rutura é a expansão de uma nova forma social, com o capital no centro¹⁴. Assim, a única forma de tornar o “colonial” num momento decisivo é trazer o capital para a estrutura analítica, não de forma ocasional e *en passant* para marcar uma posição sobre o secularismo ou o que quer que seja, mas como conceito central de estruturação e ancoragem¹⁵.

As mais de 400 páginas do livro estão organizadas em seis capítulos, subdivididos em curtos subpontos, através dos quais o autor vai conduzindo o/a leitor/a. Construído de forma não linear, o texto assume três momentos principais: nos três primeiros capítulos, Kaiwar apresenta os principais argumentos, clarificando um conjunto de ideias, conceitos e dimensões analíticas, como as condições de chegada dos estudos pós-coloniais aos EUA; o conceito de diferença pós-colonial; os conceitos de colonialismo, capitalismo, modernidade e as variantes dos estudos pós-coloniais; o conceito subalterno e a diferença entre a história a partir de baixo (as lutas de classes) e a história a partir das margens (as lutas civilizacionais).

Nos capítulos V e VI, Vasant Kaiwar analisa de forma detalhada duas obras pós-coloniais à luz dos argumentos que foi desenvolvendo nos primeiros capítulos: 1) *Provincializing Europe* de Dipesh Chakrabarty e 2) *Domination without Hegemony*, de Ranajit Guha. A obra de Chakrabarty, à qual se refere como “o mais importante trabalho a

12 Kaiwar, *The Postcolonial Orient*, 35-38.

13 Kaiwar, *The Postcolonial Orient*, 39.

14 Kaiwar, *The Postcolonial Orient*, 62.

15 Kaiwar, *The Postcolonial Orient*, 138.

emergir da fase pós-colonial dos estudos subalternos”¹⁶ recebe grande parte da atenção. O autor afirma que Chakrabarty está certo em distanciar-se do historicismo. No entanto, aponta-lhe problemas teóricos, metodológicos e políticos¹⁷. Para Kaiwar, a provincialização da Europa não é convincente enquanto projeto emancipatório e pode confundir-se com uma apologia sofisticada à polarização global e de classe, à estetização da pobreza e da miséria humana. Se a visão colonial sobre o “Terceiro Mundo” é uma visão homogeneizada, a visão que Chakrabarty apresenta da Europa é, de acordo com Kaiwar, caricatural ao ignorar o pensamento europeu contra-hegemónico, a crítica radical da economia política desenvolvida por Marx e sucessivas gerações de pensadores radicais, bem como as lutas sociais. A Europa a ser sujeita à crítica deve ser a Europa do imperialismo e do colonialismo e essa tarefa deve incorporar o legado marxista e assentar numa política que sustente um novo universalismo que extravase o universalismo eurocêntrico.

No que diz respeito ao trabalho de Guha, Kaiwar não põe em causa a precisão com que caracteriza a dominação e a estrutura social colonial, mas o *flirt* com temas e elementos do baú orientalista e a inclinação para uma narrativa de auto-exotização da Índia. A contraposição de Guha entre a dominação sem hegemonia do governo colonial e a dominação hegemónica burguesa da Europa contemporânea é para Kaiwar exagerada, na medida em que a diferença está mais no grau do que no tipo¹⁸. “Infelizmente”, afirma o crítico, “Guha parece ter adquirido o mau hábito que se observa nas críticas pós-coloniais ao eurocentrismo de contrapor uma Europa ideal e hiper-real de um lado às formações sociais coloniais (e pós-coloniais) realmente existentes do outro”¹⁹. A análise concreta deve funcionar para os dois lados da linha colonial e o hibridismo – que Kaiwar prefere designar por desenvolvimento desigual-combinado – é uma característica transversal da modernidade quando observada no tempo e no espaço²⁰.

16 Kaiwar, *The Postcolonial Orient*, 28.

17 Kaiwar, *The Postcolonial Orient*, 165.

18 Kaiwar, *The Postcolonial Orient*, 208.

19 Kaiwar, *The Postcolonial Orient*, 209.

20 Kaiwar, *The Postcolonial Orient*, 212.

No último capítulo, Kaiwar retira as consequências políticas da sua argumentação e acelera a fundo numa discussão que incendiaria qualquer rede social (não fosse a densidade teórica em que sustenta os argumentos), onde cabe o papel da esquerda contemporânea e Žižek (entre outros) assume protagonismo na argumentação. Nesta fase do livro, já não surpreende a seguinte afirmação: “Neste registo polémico, eu sustentaria que ocorreu qualquer coisa como um transformismo pós-colonial, com grupos inteiros de (ex)-esquerdistas a passarem para o ‘campo moderado’”²¹. Para Kaiwar, celebrar as múltiplas formas de estar no mundo é o que resta quando a superação de uma economia opressiva desaparece da agenda política²². O capitalismo, lembra o autor, é uma força homogeneizadora, que coloniza todos os domínios, mercantilizando a diferença e fazendo da heterogeneidade uma mais-valia. Neste contexto, a celebração da diferença sem a luta de classes não só é incompleta, como pode sustentar a apologia do capital. O autor reconhece que a politização pós-moderna de domínios que, até então, não cabiam na esfera da política – feminismos, direitos LGBT, ecologia, entre outras questões – tiveram um impacto libertador e que o caminho não passa por regressar ao chamado essencialismo económico. No entanto, argumenta que a fragmentação e a despolitização da economia tiveram como efeito conceder demasiado espaço às formações de direita, frequentemente apoiadas pelo Estado²³. Não adianta ficar pela superfície dos problemas, como as críticas à austeridade, sem promover uma luta de classes que combata os alicerces do capitalismo. E, para Kaiwar, essa batalha só pode ser travada com recurso às armas do próprio adversário. Ou seja, “os termos de um programa de ‘emancipação pós-colonial’ têm ainda que ser diretamente retirados do ‘Iluminismo e do progressivíssimo racional: democracia, cidadania, constituição, nação, socialismo, e mesmo culturalismo’²⁴.”

A sociologia das ausências (usando a linguagem das Epistemologias do Sul)²⁵ que Kaiwar desenvolve é estimulante e sustentada, mas o

21 Kaiwar, *The Postcolonial Orient*, 326.

22 Kaiwar, *The Postcolonial Orient*, 325.

23 Kaiwar, *The Postcolonial Orient*, 359.

24 Kaiwar, *The Postcolonial Orient*, 371.

25 Boaventura de Sousa Santos, *Epistemologies of the South: Justice Against Epistemicide* (London: Routledge, 2014).

mesmo tipo de exercício pode ser feito sobre o seu próprio trabalho e a acusação de fragmentação pode ser-lhe dirigida. Se o gosto pela polémica é apreciável quando eleva o debate, não faz sentido queimar pontes entre os/as que pretendem superar as várias dimensões da opressão estrutural. O longo e denso livro de Kaiwar tem muito a ensinar sobre a história dos estudos subalternos e dos estudos pós-coloniais, mas não deixa de ser evidente a ausência de diálogo com autores e autoras que não cabem no universo anglo-saxónico ou nos palcos mais mediáticos da discussão académica e política. Fica por clarificar como se posiciona o autor em relação aos intelectuais ativistas para quem o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado são formas estruturais de opressão que atuam de forma combinada, sem que alguma assuma o lugar de variável independente. Estudiosos/as ativistas da (de)colonialidade/modernidade, como Ramón Grosfoguel, Santiago Castro-Gómez, Edgard Lander, Catherine Walsh,²⁶ entre muitos outros/as, ou os trabalhos desenvolvidos sob o chapéu Epistemologias do Sul, proposta desenvolvida por Boaventura de Sousa Santos e trabalhada em várias geografias, ficam de fora das mais de 400 páginas do livro.²⁷ Se nenhuma obra cobre tudo, esse diálogo poderia clarificar como Kaiwar vê os diferentes tipos de desigualdades e graus de opressão a que os cidadãos e as cidadãs estão sujeitos, bem como os diferentes tipos de comoção e mobilização que historicamente suscitam.

O argumento do elitismo intelectual dos estudos subalternos é convincente, mas não explica o derrube das estátuas, as mobilizações no âmbito do *Black Lives Matter* ou o ativismo do feminismo negro. A articulação do capitalismo e do patriarcado é outro grande ausente e fica a questão de se, para Kaiwar, autoras como Silvia Federici não são suficientemente marxistas ou ativistas, bem como todas aquelas que se

26 Por exemplo, Santiago Castro-Gómez e Ramón Grosfoguel, eds., *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global* (Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007).

27 Por exemplo, Boaventura de Sousa Santos e José Manuel Mendes, eds., *Demodiversity: Toward Post-Abyssal Democracies* (London: Routledge, 2020); Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses, eds., *Knowledges Born in the Struggle. Constructing the Epistemologies of the Global South* (London: Routledge, 2020); Boaventura de Sousa Santos, Sara Araújo e Maíra Baumgarten, “As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa”, *Sociologias* 18 (43) (2016).

recusam a estabelecer uma hierarquia entre capitalismo e patriarcado. Se é bem fundamentado o argumento de que o capitalismo é o elemento estrutural do colonialismo, não são justificadas as razões pelas quais a alternativa é necessariamente socialista. Depois do fim do capitalismo, estaremos condenados ao silenciamento das vozes que não se expressam na linguagem da modernidade, eliminando do debate filósofos como Ailton Krenak, líder indígena, ou Mogobe Ramose, que fala a partir da filosofia Ubuntu? As ideias de ecologia de saberes e de aprendizagens recíprocas a partir de diferentes lugares, em que se sustentam as Epistemologias do Sul, não são uma questão apenas discursiva, são sobre alternativas para construir um mundo sem opressão nas suas dimensões económicas, sociais, culturais e políticas.

BIBLIOGRAFIA

Castro-Gómez, Santiago e Ramon Grosfoguel, eds. *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

Kaiwar, Vasant. *The Postcolonial Orient. The Politics of Difference and the Project of Provincialising Europe*. Leiden, Boston: Brill, 2014.

Santos, Boaventura de Sousa e José Manuel Mendes, eds. *Demodiversity: Toward Post-Abysal Democracies*. London: Routledge, 2020.

Santos, Boaventura de Sousa e Maria Paula Meneses, eds. *Knowledges Born in the Struggle. Constructing the Epistemologies of the Global South*. London: Routledge, 2020.

Santos, Boaventura de Sousa; Sara Araújo e Maíra Baumgarten. “As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa”, *Sociologias*, 18 (43), 2016.

Referência para citação:

Araújo, Sara. “Recensão a *The Postcolonial Orient. The Politics of Difference and the Project of Provincialising Europe* de Vasant Kaiwar.” *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 11 (2020); 287-296.